

A metodologia Montessori no contexto da educação integral pública: uma revisão de literatura

Kemilly Stephany Ribeiro Zathechko, Arquitetura e Urbanismo, Centro
Universitário Integrado, Brasil

Rafaela Moises da Silva, Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Integrado,
Brasil

Queren Gonçalves Oliveira, Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário
Integrado, Brasil, queren.oliveira@grupointegrado.br

INTRODUÇÃO

No cenário educacional contemporâneo, a implementação de jornadas escolares ampliadas tem se consolidado como uma resposta estratégica às transformações socioeconômicas globais e às novas exigências das dinâmicas familiares. Segundo Moll (2012), a escola contemporânea deve reorganizar seus tempos e espaços para oferecer um suporte institucional que acompanhe essa evolução social, assegurando que o acolhimento dos estudantes ocorra de forma integrada ao seu desenvolvimento humano. Entretanto, a literatura científica alerta que a simples extensão do período de permanência do aluno na instituição não é garantia de uma educação de qualidade. Para Garcia (2018), quando a ampliação do tempo se limita a rotinas rígidas e fragmentadas, o fluxo de aprendizado é frequentemente interrompido, impedindo que o educando alcance estados de concentração profunda e engajamento real com o conhecimento.

Diante da necessidade de qualificar o ensino integral para além da guarda do aluno, a metodologia sistematizada por Maria Montessori no início do século XX apresenta-se como uma alternativa teórica e prática de grande relevância. O método fundamenta-se na compreensão da criança como protagonista e sujeito ativo de seu próprio aprendizado, processo este facilitado pela autoeducação. Diferente do modelo pedagógico tradicional, que muitas vezes prioriza a passividade do aluno e a padronização do ensino, a perspectiva montessoriana defende a criação de um "ambiente preparado". Nesse espaço, o mobiliário, a organização estética e os materiais didáticos são rigorosamente adaptados para favorecer a livre escolha, o movimento orientado e a concentração prolongada.

Conforme aponta Lillard (2017), a essência da proposta montessoriana reside no respeito absoluto ao desenvolvimento natural do indivíduo, criando condições para que a independência, a autodisciplina e o senso de responsabilidade floresçam de maneira orgânica através da interação com um meio planejado. Ao transpor esses conceitos para a realidade da escola pública de tempo integral, a literatura sugere que é possível transformar o tempo estendido em uma oportunidade de desenvolvimento holístico, onde o ambiente escolar deixa de ser meramente funcional para se tornar um catalisador de autonomias.

Por esse motivo, o presente trabalho tem como objetivo analisar o que a literatura científica discorre sobre a aplicação da metodologia Montessori em contextos de ensino público de jornada ampliada. A investigação busca examinar, sob a ótica teórica, a viabilidade de espaços que promovam a independência e o autodesenvolvimento, buscando identificar como os pilares montessorianos podem contribuir para a redução de desigualdades educativas e para o fortalecimento da autonomia da criança no ensino fundamental.

MÉTODO

A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão de literatura de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva. Segundo Gil (2022), o levantamento bibliográfico é essencial para analisar materiais que ainda não receberam um tratamento analítico profundo, permitindo a construção de uma base teórica sólida sobre o objeto de estudo.

Para a coleta de dados, utilizaram-se como instrumentos de busca as bases de dados Google Acadêmico, Repositório Institucional da UFSC, Periódicos CAPES e SciELO. Os critérios de seleção incluíram publicações nacionais e internacionais compreendidas entre os anos de 2012 e 2024, visando garantir a atualidade das discussões sobre o tema. Os descritores (palavras-chave) utilizados para a busca foram: "Método Montessori", "Educação Integral", "Escola Pública", "Ambiente Preparado" e "Autonomia".

O tratamento dos dados ocorreu por meio da análise temática de conteúdo, onde as informações extraídas da literatura especializada foram confrontadas de maneira crítica. O processo de análise dividiu-se em três etapas:

Tabela 1 - Etapas do percurso metodológico da revisão de literatura.

Etapa	Procedimentos e Fontes	Objetivo
Triagem	Leitura exploratória de títulos e resumos em bases como Google Acadêmico e SciELO.	Selecionar produções científicas aderentes ao tema e aos critérios de inclusão.
Análise Interpretativa	Leitura analítica e integral dos textos selecionados.	Identificar os pilares montessorianos aplicáveis ao contexto da educação pública.
Síntese Teórica	Agrupamento e cruzamento de evidências científicas.	Consolidar as contribuições da metodologia para a jornada escolar ampliada.

Fonte: elaborada pelos autores, 2026

Este percurso metodológico assegurou que a pesquisa transitasse do levantamento de dados para a síntese teórica, fundamentando as conclusões sob critérios de viabilidade pedagógica e científica.

Dessa forma, a seleção do corpus documental privilegiou obras que discutem a educação integral para além da dimensão temporal, focando na qualificação das práticas pedagógicas. Foram priorizados estudos que estabelecem paralelos entre a liberdade de escolha, pilar fundamental do método Montessori e o desenvolvimento da autonomia em estudantes do ensino fundamental I. A análise

buscou compreender como a organização do ambiente preparado pode mitigar a fragmentação do currículo em escolas de tempo integral, promovendo uma aprendizagem mais orgânica e menos centrada na figura do docente. Com esse delineamento, os procedimentos adotados garantem que a revisão transite da teoria à identificação de evidências consolidadas na literatura científica contemporânea.

REVISÃO DE LITERATURA

Quando o espaço escolar é organizado de acordo com os princípios do método montessoriano, favorece-se o desenvolvimento da autonomia infantil, permitindo que a criança atue de forma independente e busque soluções diante das interações sociais. Além disso, o ambiente e o mobiliário são planejados conforme a faixa etária, atendendo às necessidades específicas de cada fase. Nesse contexto, destaca-se a educação cósmica, que incentiva a criança a compreender o mundo ao seu redor (PASCHOAL; MACHADO, 2019).

As mesas, as cadeiras, as pequenas poltronas, leves e transportáveis, permitirão à criança escolher uma posição que lhe agrada; ela poderá, por conseguinte, instalar-se comodamente, sentar-se em seu lugar, pois isso lhe constituirá, simultaneamente, um sinal de liberdade e um meio de educação (RÖHRS, 2010, p. 64).

“O espaço físico de uma escola não é apenas um cenário que contribui ao disponibilizar ambientes para a ministração do ensino, mas por si mesmo é uma forma silenciosa de educar” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 26). Essa perspectiva reforça que a arquitetura escolar deve ser compreendida de forma crítica e analítica, reconhecendo que as crianças estabelecem uma relação própria com o ambiente, distinta da dos adultos. Isso evidencia que muitos projetos destinados à Educação Infantil ainda reproduzem modelos padronizados, pouco conectados aos contextos geográficos, históricos e culturais em que estão inseridos (SILVA; LIMA; ALMEIDA, 2020). A concepção de uma escola deve considerar a perspectiva da criança, compreendendo de forma crítica e analítica como ela percebe o espaço. Nesse sentido, o arquiteto precisa reconhecer que as crianças estabelecem uma relação própria com o ambiente, distinta da dos adultos, o que evidencia que muitos espaços destinados à Educação Infantil ainda reproduzem modelos padronizados, pouco conectados aos contextos geográficos, históricos e culturais em que estão inseridos (SILVA; LIMA; ALMEIDA, 2020). A composição do ambiente escolar está relacionada às condições econômicas, sociais e culturais, sendo que os espaços físicos internos e externos devem atender às atividades educacionais propostas pelo sistema de ensino e pelos sujeitos envolvidos no processo pedagógico. Além disso, esses ambientes necessitam de mobiliário, equipamentos e materiais didáticos adequados para apoiar o desenvolvimento das atividades, garantindo também condições apropriadas de acomodação para estudantes e profissionais. (KOWALTOWSKI, 2011)

O espaço escolar é o local de desenvolvimento do aprendizado e o edifício deve ser o resultado da cultura social e espelhar os aspectos que vão além da sua materialização, sendo assim o modelo de escola ideal não tem um

parâmetro só, mas se resume na ordem arquitetônica, pedagógica e social.” (PRADO; CASTRO, 2020, p. 16)

Essa revisão de literatura indica que a organização do ambiente influencia a aprendizagem, a autonomia e a relação das crianças com o espaço, especialmente na Educação Infantil. Assim, compreender a arquitetura escolar como parte do processo pedagógico é fundamental para a construção de ambientes mais adequados às necessidades infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que a arquitetura escolar está diretamente relacionada ao processo de ensino e aprendizagem, influenciando o desenvolvimento da autonomia e da experiência educativa das crianças. A partir da revisão de literatura, observou-se que o espaço escolar deve ser compreendido como parte integrante da prática pedagógica, e não apenas como suporte físico.

Os estudos analisados indicam que a metodologia Montessori, aliada a ambientes planejados de forma adequada, favorece a independência, a concentração e o desenvolvimento integral dos alunos. Além disso, constatou-se que a ampliação da jornada escolar, embora importante para atender demandas sociais, necessita de uma organização pedagógica e espacial coerente para garantir qualidade educativa.

No contexto de Campo Mourão, especialmente no bairro Lar Paraná, a análise da demanda por vagas em tempo integral reforça a necessidade de propostas que integrem arquitetura e educação, visando atender às necessidades da população.

Dessa forma, conclui-se que a articulação entre espaço escolar e proposta pedagógica é essencial para a construção de ambientes mais adequados ao desenvolvimento infantil e para o fortalecimento da educação pública.

PALAVRAS-CHAVE

Método Montessori. Arquitetura Escolar. Jornada Ampliada. Autonomia

REFERÊNCIAS

BRASIL, Paula de Castro; SILVA, Juliana Christiny. **Impactos da arquitetura escolar na qualidade do ensino brasileiro**. Conhecimento & Diversidade, Niterói, v. 10, n. 21, p. 187–197, maio/ago. 2018.

GARCIA, Andréa Costa. **Tempo e espaço**: interações na Educação Infantil. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018. 138 p. (Série Universitária). Disponível em: <https://biblioteca.ba.senac.br/bnportal/pt->

<BR/search/15412?exp=%22GARCIA,%20Andr%C3%A9%20Costa%22%2Fautor&page=1&filter=>. Acesso em: 17 mar. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LILLARD, Paula Polk. **Método Montessori**: uma introdução para pais e professores. Barueri: Manole, 2017.

MOLL, Jaqueline. **Caminhos da educação integral no Brasil**: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A pedagogia de Maria Montessori para a educação na infância**. Quaestio – Revista de Estudos em Educação, v. 21, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3193>. Acesso em: 16 abr. 2026.

PRADO, Camilo Geraldo Garcia; CASTRO, Talita Silva. *Arquitetura infantil: como a arquitetura pode influenciar a aprendizagem das crianças e evitar que elas cresçam com dificuldades de aprendizagem*. Inventionis, v. 2, n. 1, p. 15–22, 2020. Disponível em: <https://www.cognitionis.inf.br/index.php/inventionis/article/view/CBPC2674-6395.2020.001.0002>. Acesso em: 17 abr. 2026.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. Disponível em: <https://livros01.livrosgratis.com.br/me4679.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2026.

SILVA, Jaciel Guilherme da; LIMA, Conceição Maria Dias de; ALMEIDA, Claudia Cristina Rêgo. **Arquitetura e Escola: uma abordagem do espaço físico educacional colaborador dos processos de ensino**. Diversitas Journal, 2020. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1026. Acesso em: 17 abr. 2026.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa de currículo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.